

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (MEB):
ALGUNS DADOS HISTÓRICOS

José Pereira Peixoto

"...E, como é de meu costume, vou aproveitar esta ocasião para falar alguma coisa do nosso famoso MEB; vou fazer uma comparação para mostrar de que maneira eu compreendo o mesmo: comparo a Equipe Central com o sementeiro, os líderes é a terra a ser plantada, e a Equipe sai a procurar onde plantar a semente, encontra terras que ela mesma prepara, planta uma sementezinha, a semente nasce e cresce com a assistência do sementeiro, dá frutos mais abundantes que vão "madorecendo" e caem novamente na terra; muitas vezes não precisam mais ser plantadas, basta o sementeiro zelar para que não fiquem abandonadas, e vamos chegar a um tempo em que toda terra tem sua semente nativa.

É assim meu modo de interpretar o Movimento de Educação de Base".

(Discurso de um monitor numa festa de comunidade - 1966)

A fala deste monitor - homem simples, trabalhador rural - define em profundidade o objetivo maior a que se propôs o MEB - Movimento de Educação de Base, no período de 1961 a 1966. Ela dispensa mesmo maiores elaborações teóricas, deixando a este artigo a tarefa de registrar como se deu aquele

plântio, aquela colheita, através de informações organizadas.

Para tanto, além do nosso conhecimento pessoal, foram consultados os seguintes documentos:

- Relatório Anual - Rio - 1962.
- MEB em 5 anos - Rio - 1961 - 1966.
- Escolas Radiofônicas do MEB - Rio - 1964.

1. Introdução

O MEB - Movimento de Educação de Base - originou-se das experiências de educação pelo rádio, promovidas, no Nordeste, pelo Episcopado Brasileiro. A aplicação de um sistema educativo através de emissões radiofônicas mostrou-se adequada para a atuação nas áreas onde a escassez de comunicações, de recursos naturais e, principalmente, de recursos humanos, mantém a maioria da população em nível cultural, econômico e social incompatível com a dignidade humana.

Como resultado de uma série de entendimentos entre a Presidência da República e o Episcopado Brasileiro, foi assinado Decreto, em março de 1961, dispondo sobre um programa de educação de base, através de escolas radiofônicas com recepção organizada, localizadas nas áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País.

2. Conceituação

Desde a implantação do sistema, preocuparam-se os técnicos educacionais ligados ao MEB em firmar o conteúdo do trabalho, bem como esclarecer conceitos. Comumente, entende-se por educação de base aquela que proporciona os conhecimentos mínimos para se levar uma vida humana. Apesar de correta, tal definição não explicita suficientemente o que há de essencial na educação de base. No trabalho do MEB, entendia-se como básica a educação que forma o homem na sua eminente dignidade de pessoa, deixando de ser meramente integrativa,

para ser criadora. É a educação cujo processo confia na capacidade humana de definir seus objetivos, de escolher, de formular, de criar.

Tomava-se, portanto, o termo "básico" no sentido do que é primeiro, do que é fundamental, de que é essencial como direito de viver humanamente.

3. Objetivos

À luz dessa conceituação, traçava-se o caminho, definia-se onde, como, o que plantar. A trajetória empreendida e o estudo continuado do homem do campo, de suas relações de trabalho e produção, de sua situação concreta na comunidade levaram o MEB a criar atividades, desenvolver métodos, fixar metas e objetivos específicos, o que gradativamente lhe garantiu uma originalidade pedagógica inegável.

Seus objetivos, no período em pauta, se referiam à conscientização, mudança de atitudes e instrumentação das comunidades.

3.1. Conscientização

Representa, para o Movimento, a tomada de consciência, pelo educando, de seus valores, da significação vivencial de seu trabalho de Homem no Mundo.

Considerava-se a conscientização como intrínseca à própria educação, pois ela significa ajudar alguém a tomar consciência do que é (consciência de si), do que são os outros (comunicação entre sujeitos) e do que é o mundo (coisa intencionada).

Assim, a conscientização é o início do próprio processo educativo, que toma a pessoa como fundamento e a sua realização como fim.

3.2. Mudança de Atitudes

Está intimamente ligada à conscientização, e representa a disposição para a ação consciente e livre, a partir da compreensão e da crítica das situações concretas. A motivação de atitudes encaminha-se em quatro direções:

- atitude crítica
- atitude de valorização
- atitude de mudança
- atitude de cooperação

3.3. Instrumentação

A instrumentação representa informação e habilitação, em termos de instrumentos de análise, instrumentos de produção e instrumentos de organização.

- a - Instrumentos de Análise:
 - . ler, escrever e interpretar textos com situações e vocabulários próprios de lavradores;
 - . distinguir e identificar as principais relações que existem entre as instituições e estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas mais importantes.
- b - Instrumentos de Produção:
 - . saber utilizar os procedimentos básicos de higiene e saúde;
 - . saber utilizar as operações matemáticas necessárias às suas relações de produção e consumo;
 - . saber utilizar as potencialidades econômicas da comunidade em que vive.
- c - Instrumentos de Organização:
 - . conhecer as técnicas de trabalho em grupo;
 - . conhecer a legislação básica sobre associações: clubes, cooperativas, sindicatos e organizações políticas;
 - . saber fundar e dinamizar clubes, associações, sindicatos, cooperativas.

4. O programa

A formulação de um Programa, como orientação a nível nacional, surgiu no MEB como resultante do contato dinâmico com as comunidades. Ele traz, essencialmente, um sentido e um conteúdo a transmitir, dentro da realidade de cada região, de cada Sistema de Educação de Base.

Confeccionado por uma equipe técnica composta por elementos escolhidos em diversos sistemas e pela Equipe Técnica Nacional, o Programa incluía documentos de estudos para as equipes locais e supervisores, material didático apropriado, cartilhas, livros de leitura e material suplementar para supervisores, monitores e líderes.

O que orientou o MEB, nesse período, na confecção dos programas, não foi uma concepção teórica de princípios ou conhecimentos a transmitir. Quis-se partir de situações concretas do educando e dos problemas que ele é chamado a resolver, ao vivê-las.

Todos os programas estavam orientados não para transmitir os conteúdos dos assuntos que encerravam, mas para realizar atividades - a aula é uma delas - em que o educando era colocado em situações para cuja solução o educador colabora.

A idéia de *trabalho* passou a centralizar e unificar toda a programação. Do trabalho concreto, vivido, com esta matéria-prima de situações, formou-se o currículo básico.

O currículo de qualquer matéria, seja Aritmética, ou Higiene, Linguagem ou Saúde, tomava o trabalho como ponto de partida e como ponto de chegada.

O trabalho rural pode ser representado, esquematicamente, por quatro fases que estão interligadas:

- preparo do terreno
- plantio

- colheita
- venda

Um estudo detalhado desses elementos e de seu significado para o lavrador em cada "fase" do trabalho, deu ao MEB condições para fazer, de cada uma delas, uma unidade de seu Programa. Uma unidade de programa é assim uma situação global, em que o educando está envolvido e que se caracteriza por formar um todo compreensivo.

A fase de venda do produto agrícola, por exemplo, envolve problemas de cálculo, de medidas, de vocabulário próprio, de transporte, de leis de mercado, de organização cooperativa, de relações entre pessoas num sistema de mercado.

Tomados isoladamente, tais conteúdos de ensino teriam ínfima possibilidade de tornar concretos os conceitos, bem como veriam enfraquecido seu potencial motivador, terminando por perder toda a unidade. Convém, pois, ressaltar que a conscientização, a motivação de atitudes e a instrumentação têm seu ponto de partida no trabalho, têm nele seu fim e nele encontram unidade.

O estudo dos objetivos e a confrontação das características e elementos de cada "fase" do trabalho rural, com a estrutura motivacional e do pensamento característico do homem do campo, constituíam as bases para a confecção dos currículos, dos livros, textos e cartilhas, das aulas e dos roteiros para debates e trabalhos dos diversos grupos organizados na comunidade.

Não poderia ter sido outra a preocupação do Movimento, quando se crê que a Educação de Base deve extrair seu conteúdo da realidade concreta e voltar para ela suas soluções. Justifica-se a ênfase, quando se conhece a estrutura motivacional do lavrador e quando se sabe da importância que desempenha esta motivação no rendimento e como significativo fator

na solução do problema da evasão escolar, arduamente enfrentado por todos os movimentos de educação rural.

Além disso, evidencia-se que o trabalho, enquanto atividade produtiva, representa a preocupação central das pessoas que se desejam educar, por ser condição de sua própria sobrevivência.

5. A ampliação dos instrumentos de atuação

Os objetivos do MEB, no início de sua existência, se definiam pelos programas educativos vinculados principalmente às Escolas Radiofônicas. Contudo, já naquela época a ação educativa do MEB não se restringia às escolas.

Como toda educação que não se esgota na pura instrução, a Escola Radiofônica não se esgotou em si mesma. Ela passou a dar frutos na própria comunidade criando outras atividades educativas (clubes de mães, clubes agrícolas, associações de moradores, cooperativas, sindicatos, clubes de jovens etc.).

A escola passou a ser entendida dentro de um conjunto maior das atividades e da vida de toda a comunidade.

Essa ampliação dos instrumentos de atuação não ocorreu de modo uniforme ou estanque. No histórico dos diversos Sistemas pode-se constatar a existência de mais de uma das etapas que se seguem.

1a. etapa: Após o convênio que regulamentou a existência do MEB, seguiu-se uma fase de expansão que se caracterizou pela organização de equipes responsáveis pelo trabalho em plano nacional, estadual e local. Cabia a essas equipes a emissão de aulas, instalação e supervisão de Escolas Radiofônicas.

As escolas foram distribuídas pelos diversos municípios, a

partir de pedidos de párocos ou outras autoridades, que recebiam os aparelhos receptores e indicavam um responsável de sua confiança, alfabetizado ou semi-alfabetizado (dependendo das condições locais), para exercer a função de monitor da escola.

Esses elementos, assim escolhidos, participavam de um treinamento de monitores, organizado pela equipe local, que lhes fornecia a capacitação mínima para o trabalho a desempenhar, ou seja, funcionar como elemento de ligação entre a aula emitida e os alunos.

No sistema rádio-escola colocava-se como ponto essencial o papel do supervisor que, periodicamente, dava assessoria aos monitores, supervisionando as escolas, colhendo dados e informações para a equipe responsável pela programação e emissão das aulas.

Após o primeiro ano de trabalho, embora a maioria das escolas apresentassem resultados positivos quanto à alfabetização, fizeram-se sentir problemas de freqüência instável, evasão escolar, escola desligada da vida da comunidade. A partir dessas conclusões, fez-se necessário localizar as possíveis causas dos estrangulamentos encontrados e constatou-se que:

- a escola, instalada a pedido de uma entidade local, atingia apenas um grupo da comunidade;
- os monitores, na maioria sem qualidades de liderança, não conseguiam manter o interesse dos alunos durante as aulas;
- falta de planejamento na distribuição das escolas acarretavam sua disseminação em áreas de difícil acesso, impossibilitando o acompanhamento sistemático da supervisão.

2a. etapa: Numa tentativa de superar essas deficiências, o planejamento e a instalação de novas escolas fo-

ram feitas de maneira a evitar os erros anteriores. Com relação às já existentes, algumas foram fechadas e outras reestruturadas.

O ponto básico desse planejamento foi a preparação da comunidade a partir de entrevistas individuais e reuniões comunitárias, onde o supervisor avaliava e escolhia o possível monitor, aproveitando para esclarecer o grupo sobre os objetivos da Escola Radiofônica.

Com essa orientação, as escolas passaram a funcionar até que, em nova avaliação, verificou-se que, embora os problemas anteriores não surgissem mais como aspecto crucial, novas dificuldades se apresentavam:

- alunos interessados na vida escolar, mas desligados da vida comunitária;
- escola fechada em si mesma;
- programas escolares visando às comunidades, como as campanhas de uso da fossa, construção de horta, registro civil, não tinham maior repercussão local.

Mais uma vez se colocava a ausência, por parte do monitor, de qualidades básicas para sua função, visualizando-se ainda, que não bastava preparar a comunidade para a instalação da escola, sendo necessário que a comunidade desejasse assumir a escola e não apenas a recebesse.

3a. etapa: A 3a. etapa caracterizou-se pela instalação de escolas e atividades extra-escolares tais como festas, jogos, campanhas, assessoria às associações, através de grupos já existentes nas comunidades ou em comunidades próximas.

Os líderes desses grupos promoviam reuniões, visando a despertar as comunidades para seus problemas.

No desenvolver das atividades, quando a alfabetização era

sentida como um instrumento necessário, a comunidade solicitava ao MEB a instalação da escola e assessoria na organização de outros grupos, diante de diferentes problemas.

Esta nova dimensão do trabalho conduziu a modificações profundas nos vários setores dos Sistemas. Os supervisores sentiram a necessidade de se atualizarem como técnicos de trabalho em grupo, assim como de estudos que possibilitassem uma fundamentação mais consistente de sua atuação.

Para atender a tais exigências, os encontros e treinamentos de supervisores e monitores, em dosagens diferentes, voltaram-se para o estudo mais acurado das realidades local e brasileira.

4a. etapa: Nesta etapa, os monitores tomam iniciativas:

- instalam escolas
- descobrem e indicam novos monitores
- visitam escolas próximas
- participam de trabalhos com a comunidade
- iniciam a organização de novos grupos na comunidade.

Para um conhecimento mais profundo da realidade local, com vistas ao aperfeiçoamento da programação das aulas, já não basta o conhecimento empírico das áreas de atuação. Faz-se necessário um levantamento sócio-econômico com dados objetivos, capazes de propiciar a análise das situações e permitir que as supervisões - já não limitadas às escolas, mas se estendendo aos grupos locais - fossem melhor fundamentadas.

Os supervisores passam a fazer seu trabalho com grupos de monitores de uma mesma área, ao invés de atender a escolas isoladas. Várias equipes estendiam suas tarefas de assessoria a líderes e grupos das comunidades, mesmo em áreas onde não funcionavam Escolas Radiofônicas.

Isso resultou nas denominadas "caravanas". Os diferentes

técnicos se deslocavam para a zona rural e promoviam, na comunidade, debates sobre a realidade local, estudos, planejamento de trabalho, além de participar de reuniões, festas, jogos, etc.

Os problemas com a escola, mais integrada e assumida pela comunidade, diminuíram sensivelmente. A partir de programações específicas, as emissões possibilitavam a formação dos alunos em sua ação comunitária, clubes de jovens, de mães, cooperativas, clubes esportivos, recreativos, grupos sindicais etc., além da alfabetização. As atividades comunitárias são as mais variadas possíveis, diferindo de uma localidade para outra. Uma começaram com a limpeza do povoado, outras com a compra de uma pequena ambulância médica, outras com melhoria das habitações. Organizam-se Clube de Vendas e Cooperativas para aquisição de equipamentos agrícolas, construção de escolas, mutirões.

5a. etapa: Buscou-se, nesse período, uma sistematização das várias formas de atuação do Movimento:

- Contato direto com os grupos e comunidades, através de:
 - . supervisões
 - . caravanas
 - . círculos de debates
 - . encontros
- Contato com os líderes:
 - . treinamentos
 - . reuniões
 - . dias de estudo
 - . entrevistas
- Contatos indiretos:
 - . programas radiofônicos
 - . cartas, relatórios de atividades, jornais, boletins etc.

Nessas atividades, nas diversas etapas, foram utilizadas

técnicas que abrangem pesquisas, entrevistas, reuniões, debates, sociodramas, técnicas radiofônicas, audio-visuais, etc.

6. À guisa de conclusão

Este artigo não comporta todas as considerações sobre o tema e significa, praticamente, uma abertura, uma contribuição ao debate sempre necessário sobre educação de base.

Embora se tenha abrangido aqui estritamente um período, o que poderia causar uma sensação de corte, de parada, e, embora não se contando com dados estatísticos para ilustrar o fenômeno, os que vivenciaram aquela experiência do MEB não temem afirmar de sua crença na força da "semente nativa".